

O NOVELO DE ESTÓRIAS DE DONNA HARAWAY

Maria Clara Parente (PPGCLC-PUC-Rio)

Gabriel Martins da Silva (PPGCLC-PUC-Rio)

Logo na primeira página de *Ficar com o problema: fazer parentes no chthuluceno* (2023, n-1 edições), Donna Haraway esclarece que o que está em jogo não é uma discussão conceitual, mas uma tarefa, uma prática: “formar parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso” (p. 13). Aprender a viver e morrer em um tempo de destruição ambiental sem precedentes requer, para a autora, criar conexões múltiplas, humanas e mais-que-humanas, que sejam capazes de alargar possibilidades de mundo: ou seja, seguir com o problema da emergência climática reúne as condições para o fim da própria espécie. Ficar com o problema, no lugar de tentar, a todo custo, solucionar o problema, pode ser um jeito novo de lidar com o tempo em que vivemos.

A percepção do problema ambiental como um dos maiores desafios da vida terrestre não é uma novidade. Desde a segunda metade do século XX, cientistas e ativistas aproximam-se ao debate sobre as mudanças termodinâmicas do sistema Terra. Temos, à guisa de exemplo, os esforços em torno da ecologia em se estabelecer como uma área do conhecimento, propostas como as de James Lovelock e William Golding — e atualizadas por Bruno Latour e Isabelle Stengers — nas formulações ao redor da “hipótese de Gaia”, além da nomeação, por Eugene Stoermer e Paul Crutzen, do Antropoceno como um novo período geológico.

Por sua vez, no contexto brasileiro, nas últimas décadas, algumas contribuições são notáveis de serem sublinhadas. No período de formulação do projeto de Haraway, um evento se sobressai como uma resposta dos trópicos ao colapso climático porvir: em 2014, realizou-se o seminário internacional *Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra* no Rio de Janeiro, entre 15 e 19 de setembro e sediado na Casa de Rui Barbosa — cujos resultados foram recentemente publicados em livro, em dois volumes, pela editora Machado, respectivamente em 2022 e 2023. O evento foi uma colaboração de diversos pesquisadores e pesquisadoras ligados tanto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, quanto à linha de pesquisa em Filosofia e Questão Ambiental do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Dentre os

participantes, Donna Haraway contribuiu com uma entrevista *online* concedida a Juliana Fausto, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Muitas das respostas da filósofa aludem ao seu projeto em andamento, que culminaria, dois anos mais tarde, no livro que agora é lançado em português.

A recente tradução de Ana Luiza Braga atualiza o evento de 2014 e traz, ao público brasileiro, graças aos esforços da n-1 edições, uma tradução para se abrir, de novo e mais uma vez, a discussão sobre a destruição do planeta e as possíveis saídas mitigadoras e parciais. Desde 2022, uma série de livros da autora foram traduzidos ao português, como *O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*, editado pela Bazar do Tempo e com tradução de Pê Moreira, *Quando as espécies se encontram*, lançado pela Ubu Editora e traduzido por Juliana Fausto, e, mais recentemente, *A reinvenção da natureza: Simios, ciborgues e mulheres*, pela WMF Martins Fontes, com tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. O novo livro de Haraway traz, à sua maneira, discussões que partem das ciências biológicas, como também transitam entre a ficção científica feminista, as artes visuais e a filosofia, dando consistência a um debate que, por sua natureza totalizante (sua condição planetária e generalizada), só pode ser tratado em clave interdisciplinar.

Junto às monstruosidades dos seres da terra, Haraway reconfigura a categoria humana. Nessa ficção, o ser humano não é mais o Homem, o reino de *Antropos*, mas se aproximaria do húmus, a partir de seu mesmo radical, ou seja, aquele que faz parte da Terra e vive em entrelaçamentos materiais com outros seres, “cheios de tentáculos, antenas, dedos, cordões, caudas de lagarto e patas de aranha, com cabelos bem rebeldes” (p. 14). Ficar com o problema é uma tentativa de responder a duas das ficções que nos governam: (1) “da fé cômica nos tecnossolucionismos, sejam seculares ou religiosos” (p. 16) e (2) da ideia “ainda mais destrutiva: [...] [a] afirmação de que o jogo acabou, é tarde demais” (p. 16).

Se a hipótese de Gaia serve para pensarmos novas maneiras de nos relacionarmos com a Terra, sugerindo outras dinâmicas de equilíbrio e desequilíbrio entre os vivos e os sistemas biogeofísicos, o Antropoceno serve para nomear a nova época geológica, conferindo poder, ao dar nome, àquilo que pode nos afetar. Assim como o nome do colóquio realizado em 2014 — *Os Mil Nomes de Gaia* —, o Antropoceno pode ter muitos nomes. Do subtítulo do livro de Haraway — *fazer parentes no chthuluceno* —, a noção de Chthuluceno salta aos olhos como uma nova forma de nomear o período em que vivemos. O nome ganha palco junto às outras denominações como Plantationceno e

Capitaloceno, que, por sua vez, contam outras histórias sobre nosso tempo. A ideia não é descobrir qual a verdadeira nomenclatura da nossa época, mas proliferar as diversas histórias, somando novos agentes e atores, à barbárie em que vivemos, de modo a nos afetar.

Chthuluceno é o espaço-tempo inventado por Haraway para trazer outras presenças e continuidades. O termo é formado por duas raízes gregas (*kthôn* e *kainos*) que, quando combinadas, assim que nos damos conta da nossa responsabilidade, adquirimos a habilidade de lidar com o desafio de existir e enfrentar a finitude em um ambiente arrasado. Esse tempo não é um substituto do Antropoceno, e sim uma outra temporalidade, em que não se começa do zero, mas se aprende a viver e a morrer em um presente atravessado por lutos, perdas e, também, alegrias possíveis. A ficção do Chthuluceno faz desmoronar a família nuclear, outra herança dos reinos de Antropos e do Capital, pois fazer parentes [*make kin*] é uma categoria chave de ser cultivada, criando relações de responsabilidade mútua com práticas contínuas de cuidado. A proposta é que essas possibilidades de parentesco e relações alternativas possam fazer mundo de outra forma.

Já o termo *simpoiése*, “gerar-com”, é uma alternativa conceitual criada por Donna Haraway a partir da noção de *autopoiése*, esta criada pelos biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana, em 1970, e usada para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios, como parte dos atributos de sistemas vivos e complexos. A palavra vem do grego — *auto*, “próprio”; *poiésis*, “criação” — e define cada ser vivo como um processo autoprodutor e autorregulador, a partir da relação entre os componentes do próprio corpo. Haraway, no entanto, sugere a ideia de *simpoiése* como mais adequada para se referir aos sistemas vivos, por considerar que as trocas e interações entre viventes criam e recriam os seres a todo o tempo. Ficar com o problema talvez seja também um modo simpoiético de arranjar múltiplas maneiras de estar com o problema, de ver o problema de outros modos, de contar o problema por meio de outras mitologias, de se engajar em recuperações possíveis.

Ao longo do livro, Haraway propõe o jogo de cama de gato como uma figura que demonstra a amplitude e a materialidade dos encontros entre *espécies companheiras*. Recuperar a capacidade de perceber os encontros simpoiéticos multiespécies que fazem parte da vida é um ponto central de seu empreendimento: criar conexões específicas, criar laços. Longe de uma visão tecnofóbica, na qual se generaliza o medo de tecnologias novas, Haraway destaca os experimentos de colaboração arte-ciência como uma maneira de estender e complexificar as relações entre humanos e não-humanos nesse momento crucial da história planetária: pombos de corrida em parceria com humanos para

detectar níveis de poluição na Califórnia e com as “Estórias de Camille”, a fabulação com seres híbridos humanos-borboletas-monarca. Do ponto de vista de Haraway, essas são as diferentes formas de responder à tarefa de fazer parentes e de criar sensibilidades outras a partir da conexão com espécies, em especial com aquelas em extinção. Há nesses experimentos, uma percepção comum de que as tecnologias que temos hoje, em sua maioria, foram pensadas com o imaginário do *Antropos*, mas, ao mesmo tempo, com a disponibilidade e a abertura para criar outras linhas inventivas para com as tecnologias.

A narrativa “Estórias de Camille: As crias do composto” é o último capítulo do livro. A narrativa de Haraway é estruturada em cinco partes, conforme as cinco gerações de Camilles imaginadas. Cada parte informa as datas de nascimento e morte de Camille, junto com a variação do número de humanos na Terra no período. No prefácio que antecede o relato, ficamos sabendo que, ao longo dessas cinco gerações, entre 2025 e 2445, o número de humanos atinge um pico de dez bilhões em 2100, quando então passa a cair regularmente até atingir um nível estável de três bilhões, em 2400.

Esse modo de fazer estórias está diretamente relacionado ao conceito de espécies companheiras, em cujos processos de criação fazem parte da estória e, por isso, temos a impressão de que estamos lendo um rascunho, com elementos que nos ajudam a criar uma narrativa. É como se a existência de Camille, portanto, sua agência no mundo, ativasse outras criações. É um terreno que aproxima essa narração das *Fan Fictions*, histórias de desdobramentos de personagens “famosos” narradas por anônimos na *internet*, mas também das *ficções sim*, ligadas ao gênero da *simpoese* e dos encontros mútuos entre seres terrenos (p. 240).

O livro propõe estratégias e exercícios para um entrelaçamento, com as dificuldades impostas pela emergência climática, através da criação de parentescos multiespécie. É nesse estreitamento enlameado de laços relacionais com os viventes em um jogo de mútua responsabilidade, evocando uma temporalidade singular, que Haraway nos guia por seu novelo de estórias que nos faz questionar e investigar camadas e processos que criam os mundos que nos cercam.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes do Chthluceno**; traduzido por Ana Luiza Braga. São Paulo : n-1 edições, 2023, 364 p.